

PAVLA (EN) CANTADA

A força da união de letra e melodia

Alice Ruiz, Makely Ka, Siba e Vitor Ramil falam de seu trabalho relacionado à poesia e do poder expressivo da canção brasileira

Lauro Lisboa Garcia

Numa cena do documentário *Palavra (En) Cantada*, Adriana Calcanhotto descreve sobre a grande pergunta em questão: letra de música é poesia? Diz, bem-humorada, que a vida é curta demais para perder tempo com essa discussão. Adriana conviveu e trabalhou em férteis parcerias – em discos como *A Fábrica do Poema* – com Waly Salomão (1943-2003), um desses artistas que transitavam com desenvoltura entre a poesia e a letra de música. Vinicius de Moraes (1913-1980), o principal deles, Antonio Cícero, Arnaldo Antunes, Paulo César Pinheiro são outros bons exemplares enfocados no filme. Mas há outros mais que fizeram história na MPB: Torquato Neto (1944-1972), Paulo Leminski (1944-1989), Patativa do Assaré (1909-2002), Abel Silva, Cacaso, Geraldo Carneiro.

Há compositores que reconhecem a força poética da canção brasileira, a mais viva expressão cultural do País. Em entrevista recente ao *Caderno 2*, o pernambucano Alceu Valença defendeu: “Minha música é poesia.” Para falar sobre o tema, o *Estado* entrevistou três compositores e uma letrista poeta, que não estão no filme de Helena Solberg: o gaúcho Vitor Ramil, também escritor, o mineiro Makely Ka, o pernambucano Siba e a paranaense radicada em São Paulo Alice Ruiz, que foi casada com Leminski (*leia trechos de uma letra de cada um ao lado*).

Um dos mais brilhantes em atividade hoje, Siba – que lançou na semana passada o álbum *Violas de Bronze*, com Roberto Corrêa – é herdeiro da tradição dos trovadores, referência inicial de *Palavra (En) Cantada*. Compõe seguindo procedimentos da poe-

sia oral nordestina. “Essa discussão é engraçada porque parte do pressuposto de que o que é considerado poesia é a poesia literária. Meu ponto de partida é outro, é o que a gente chama de poesia rimada do Nordeste, que tem uma estética própria.”

“Trabalho para que o texto tenha vida própria, embora muitas vezes esse texto lido perca uma parte do encanto dele que depende do ritmo”, diz Siba. Ritmo é o que sobrou da poesia, “depois que ela se libertou da métrica e das rimas”, como observa Alice. A poesia dos cantadores nordestinos, como observa Siba, tem a música e o ritmo a serviço dela. “O poder encantatório dela vem muito em função do ritmo e da combinação das palavras. Por isso, pra gente é importante levar às últimas consequências o rigor das regras.”

Outro diferencial que Alice aponta é o timing: “O tempo do olho é diferente do tempo do ouvido. Para o ouvido você tem de ter uma coloquialidade de tal forma que a pessoa que te ouve seja envolvida imediatamente”, diz a poeta. Vitor Ramil concorda com ela: “A letra de música tem de ter uma ação imediata sobre quem ouve. É bom que a ação dela se prolongue no tempo, para que o ouvinte fique refletindo a partir da letra de uma canção. Talvez a poesia possa ser feita um pouco mais desencanaçada desse tipo de propósito.”

Como Siba, Makely Kaserelaciona com a tradição oral. “Nesse sentido Luiz Tatit e Zé Miguel Wisnik têm razão quando dizem que a gente tem uma tradição oral muito sofisticada, porque a letra da canção está muito próxima da fala.” Para Makely, uma boa letra de canção não precisa ser poesia, assim como “bons poemas não necessariamente



SÉRGIO CASTRO/AE

“Quero perder o medo da poesia/ Encontrar a métrica e a lágrima/ Onde os caminhos se bifurcam/ Planando na miragem de um jardim/ ... Eu astronauta lírico em terra/ Indo a teu lado, leve, pensativo.”

VITOR RAMIL

“Quem me dera fosse meu/ O poema de amor definitivo/ Se amar fosse o bastante/ Poder eu poderia/ Pudera/ As vezes parece ser esse/ Meu único destino/ Mas vem o vento e leva/ As palavras que digo/ Minha canção de amigo/ Um sonho de poeta/ Não vale o instante vivo.”

ALICE RUIZ



MÁRCIO FERNANDES/AE

ção boas letras”. “Fazer letra para uma melodia é uma mistura de poesia com palavra cruzada, porque você tem uma métrica estabelecida, onde se tem de encaixar a prosódia, a rima, enfim, vários elementos”, diz o poeta de *Ego Excêntrico* e compositor do CD *Autófago*.

Ramil, como Adriana Calcanhotto, não faz questão de separar os universos da letra e da poesia. Ele, que não é poeta, mas escritor de livros como *Satolep* (romance) e *A Estética do Frio* (ensaio), diz que seu trabalho literário guarda características da atividade de letrista. Além de canções com poéticas letras próprias, Ramil já musicou versos de Fernando Pessoa, Emily Dickinson e João da Cunha Vargas e preparou um álbum com oito poemas do argentino Jorge Luis Borges (1899-1986), e outros de Vargas, com melodias dele. São poemas (que Borges escreveu como se fossem letras de milongas) reunidos no livro *Para las Seis Cuerdas*, de 1965. “Os poemas que costumam musicar fluem com naturalidade. Para mim, a palavra e a melodia são bem casadas.”

Com Alice Ruiz, autora de versos como o de *Socorro* (parceria com Arnaldo Antunes), o caminho é inverso: “Ao mesmo tempo em que tenho poemas musicados, tenho muitas letras feitas como tal. Uma boa letra tem de ter algumas características poéticas. Por exemplo: tem de ter uma ideia e uma trama na linguagem, o que a transforma em poesia, que case com a ideia.” Mas se a canção no Brasil tem esse papel que a poesia dos livros cumpre em outros países, isso para Alice se deve “muito à excelência da nossa canção”, opinião que Ramil endossa. “É mais um motivo pra gente caprichar”, brinca ela. ●



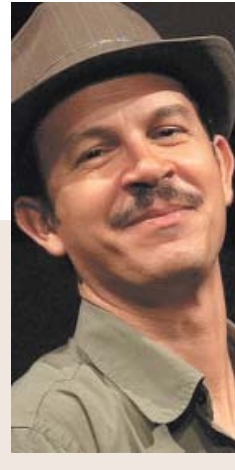
DIVULGAÇÃO

“Eu fiz da poesia minha ambrosia/ Meu sustento, meu motor/ Meu canto em agonia entra agora em afasia/ E traz de dentro a carne em flor/ Eu quis a boemia, a fantasia/ O ornamento, o esplendor.”

MAKELY KA

“Na varanda da fazenda/ Está sentado um violeiro/ Que panteia imaginando/ Os sonhos de um fazendeiro/ ... E o poeta passa a noite/ Procurando a rima exata/ Esfumada num café quente/ Numa caneca de lata/ E a noite paga as cantigas/ Com uma moeda de prata.”

SIBA



PAULO LIEBERT/AE